Uma análise com Deus.
O encontro de Lacan e Kierkegaard

Elisabete Thamer

Resenha do livro *Une analyse avec Dieu. Le rendez-vous de Lacan et de Kierkegaard*, de Yves Depelsenaire. Bruxelles: La Lettre Volée, 2004.

Considerado por Lacan "o mais agudo dos questionadores da alma"[1] antes de Freud, Søren Kierkegaard (1813-1855) é um desses autores que, como Nietzsche, escapam a toda tentativa de classificação. Filósofo, escritor ou "pensador religioso" (como pretendia Heidegger)[2], sua obra permanece, infelizmente, pouco explorada. Exceção feita à Jacques Lacan, que comentou vários textos kierkegaardianos em momentos cruciais de seu ensino.

Uma análise com Deus. O encontro de Lacan e Kierkegaard, de Yves Depelsenaire, é um livro que apresenta uma análise minuciosa das referências kierkegaardianas de Lacan, e que revela, em texto claro e agradabilíssimo, a fineza com a qual o autor, psicanalista, consagrou-se ao longo de mais de vinte anos à leitura da complexa obra do pensador dinamarquês. Esse livro, apesar de consistir em uma coletânea de artigos publicados entre 1979 e 2004, apresenta uma fluidez que nos faz esquecer a "independência" com a qual podem ser lidos seus capítulos, cujos títulos, aliás, bem refletem algo do humor kierkegaardiano; por exemplo, "O contador e a bela do harém" e "O macaco, o apóstolo, o escritor e a mulher".

A obra de Kierkegaard, em que coabitam o humor e o trágico, convoca o leitor a um permanente deciframento. Pastor sem paróquia, "publicava quase sempre simultaneamente um escrito edificante [em seu próprio nome] com a mão direita e um escrito pseudônimo com a mão esquerda" (p. 23). Kierkegaard é assim, ao mesmo tempo, Victor Eremita, Constantin Constantinius, Johanes de Silentio, Johanes Climacus, Anticlimacus, Nicolaus Notabene, para citar apenas alguns de seus pseudônimos... Como assinala Depelsenaire, com sua pseudonímia, Kierkegaard suscita uma certa resistência à significação de sua própria obra, cuidadosamente organizada em torno da falta de *um* "autor" (p. 51).

[1] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985, p. 62).

[2] Heidegger. "Sur le mot de Nietzsche: 'Dieu est mort'" (1962, p. 301).

Outro aspecto preliminar considerado pelo autor diz respeito à oposição de Kierkegaard a Hegel. Como destaca Depelsenaire, "à especulação hegeliana, em que tudo é colocado em relação com tudo, em que a verdade se desdobra em saber, de tal modo que o absoluto se deduz em um resultado racional como a realização do sujeito através da História universal em suas alienações e ultrapassagens sucessivas, a essa especulação Kierkegaard opõe uma outra dialética: aquela da escolha e da separação, de *ou bem... ou bem*, não na exaltação romântica da subjetividade, mas em um esforço de pensar o real" (p. 24). Nesses termos, a leitura de Kierkegaard pode ter constituído um contraponto decisivo quanto ao destino da influência hegeliana de Lacan.

a repetição

Uma das referências maiores de Lacan a Kierkegaard concerne à noção de "repetição" (*Seminário - livros 2, 11 e 17*; *Introdução ao Seminário sobre* A carta roubada; *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud)*. Como constata Depelsenaire, "o esforço de Kierkegaard é distinguir duas repetições. Uma repetição 'en arrière', designada pelo conceito platônico de reminiscência, e uma repetição 'en avant', uma insistência repetitiva que busca o novo" (p. 14). Como bem constata o autor, a repetição "demanda o novo e, paradoxalmente, ela é sem retorno" (p. 24). Em *A repetição*, de Constantin Constantinius (impossível negligenciar este pseudônimo!), a personagem tenta repetir, anos depois, a experiência vivida ao longo de uma estadia inolvidável em Berlim. Apesar do cuidado minucioso com o qual reproduz os detalhes práticos de tal experiência, o resultado, obviamente, não é o esperado: "Constantin Constantinius só irá encontrar sinais de uma repetição impossível porque ele só encontra pálidos reflexos da primeira vez, como sempre, no registro do imaginário", ou ainda, "a única coisa que se repete é a impossibilidade da repetição", conclui Depelsenaire (p. 15).

a mulher

Kierkegaard nos legou uma deliciosa paródia do *Banquete* platônico, intitulada *In vino veritas*, que não escapou a Lacan por ocasião de seu seminário sobre a transferência. Assim como em *O banquete*, de Platão uma reflexão sobre o amor se tranforma em uma reflexão sobre o desejo, "do qual Sócrates encarna o objeto inapreensível [...], em *In vino veritas*, o tema do amor se transforma em uma reflexão sobre a feminilidade como engodo e a mulher como sintoma" (p. 67). Curiosamente, é a personagem de Constantin Constantinius (o "autor" de *A repetição*) que é o agente de tal mudança de tema...

No capítulo VI do *Seminário – livro 20: Mais, ainda*, chamado "Deus e o gozo d'A mulher", Lacan faz novamente menção a Kierkegaard, desta vez a uma passagem biográfica. Trata-se da ruptura de seu noivado com Regina, fato romanciado em *Diário de um sedutor*, publicado pouco tempo depois do fato em si e assinado por "Johannes, o sedutor". Segundo Lacan:

> Em outros termos, não foi por acaso que Kierkegaard descobriu a existência numa aventurazinha de sedutor. É ao se castrar, ao renunciar ao amor, que ele pensa ter tido acesso a isso. Mas, talvez, depois de tudo, por que não, Regina, também ela, existisse. Esse desejo de um bem ao segundo grau, um bem que não é causado por um *a* minúsculo, talvez fosse por Regina que ele tinha dimensão.[3]

[3] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-73/1985, p. 103-104).

o conceito de angústia

Outra referência fundamental é *O conceito de angústia*, mais uma obra pseudônima (Vigilius Aufhnensis), citada por Lacan em seu texto *A agressividade em psicanálise*, de 1948, e, obviamente, no *Seminário – livro 10: A angústia*. Nesse texto, Kierkegaard analisa o mito cristão de Adão e Eva, e desenvolve uma análise sobre a atração da falta (pecado). Trata-se de "uma reflexão complexa sobre o nó entre o gozo, a culpa a angústia, com base no Livro I do *Gênesis*" (p. 17). Esse "nó" se encontra intimamente atrelado à questão do "pai", pivô da obra e da biografia do dinamarquês que serviu à elaboração de Lacan a esse respeito.

o pai

Assim, a terceira das referências fundamentais se encontra na única sessão do seminário *Os nomes do pai*, para o qual Lacan programara o "encontro com Kierkegaard", razão do subtítulo do livro de Depelsenaire. Este encontro se daria pela análise do texto *Temor e tremor*, assinado por Johanes de Silentio. Trata-se de um impressionante texto sobre o sacrifício de Abraão. Para Kierkegaard, como observa Depelsenaire, ninguém poderá ultrapassar a Abraão, pois este não hesitou ante o ato de sacrificar seu único filho a Deus. Ao longo de gerações, continua o autor, encontraremos muitas formas de "herdeiros do pecado" paterno, como Hamlet, e de interrogações, de dúvidas sobre o pai. "Mas a dúvida não pára Abraão, que precisamente não é um pecador. Pois o pecado é a ignorância na não-relação [*non-rapport*] com Deus [...] Ora, Abraão encontra Deus face a face. A era do pecado não é a sua" (p. 90).

Esse texto não deixa de evocar a história pessoal do próprio Kierkegaard, cujo pai não se perdoava de haver blasfemado contra Deus nos tempos de sua juventude. Ele se descrevia como uma "cruz erigida sobre as tumbas de suas esperanças" (p. 144), uma evocação ao fato de ter sobrevivido à morte de sete de seus filhos, que entendia como um castigo infligido em razão das blasfêmias que proferira. Esses filhos eram, por sua vez, frutos de um segundo casamento, realizado às pressas após a morte de sua primeira esposa. A segunda mulher, até então sua criada, encontrava-se grávida de muitos meses por ocasião das bodas, de onde resulta a tese de que teria sido violentada pelo pai de Kierkegaard. Como assinala Depelsenaire, vários elementos permitem "considerar essa tese fundamentada, se não realmente, ao menos fantasmaticamente no espírito de Kierkegaard" (p. 144).

No *Seminário 11*, Lacan diz: "O pai, o Nome-do-Pai, sustenta a estrutura do desejo com a lei – mas a herança do pai é aquilo que nos designa Kierkegaard, é seu pecado"[4]. Nesse comentário, encontramos o nó que tece, talvez, a mais importante contribuição da obra de Søren Kierkegaard à psicanálise. Yves Depelsenaire assim interpreta o que ele chama "o encontro de Kierkegaard com a psicanálise": "Como prescindir do pai à condição de se servir dele?" Segundo o autor, a resposta é a mesma para Kierkegaard e para Lacan: "por uma nova ética" (p. 101). O que difere, obviamente, são os meios de um e de outro. *Ou bien... ou bien...* x *...Ou pire?*

Para maiores detalhes, sugiro-lhes vivamente um *rendez-vous* com esse pequeno livro, que, esperamos, esteja disponível em breve em língua portuguesa.

[4] Lacan. *O Seminário* – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1985, p. 38).



referências bibliográficas

Heidegger, Martin. Sur le mot de Nietzsche: 'Dieu est mort'. In: *Chemins qui ne mènent nulle part.* Tradução de Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1962.

Lacan, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Lacan, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-73). Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.